

Descarte de medicamentos: avaliação do conhecimento dos produtores da atividade leiteira

Discard of medicines: evaluation of the knowledge of the dairy activity producers

Nadine Neto Batista, Graziella Alebrant Mendes, Themis Goretti Moreira Leal de Carvalho, Bruna Barcellos Negrete, Jovana Simonetti Bulegon, Marcos Guilherme Schäfer, Valeska Martins, Viviane Cecília Kessler Nunes Deuschle

Como citar este artigo:

BATISTA, N. N.; MENDES, G. A.; CARVALHO, T. G. M. L.; NEGRETE, B. B.; BULEGON, J. S.; SCHÄFER, M. G.; MARTINS DA SILVA, V.; DEUSCHLE, V. C. K. N. Descarte de medicamentos: avaliação do conhecimento dos produtores da atividade leiteira. Revista Saúde (Sta. Maria). 2019; 45 (2).

Autor correspondente:

Nome: Viviane Cecília Kessler Nunes Deuschle
E-mail: vdeuschle@unicruz.edu.br
Telefone: (55) 3321-1500
Formação Profissional: Formada em Farmácia pela Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ) que fica na cidade de Cruz Alta, estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Filiação Institucional: Universidade de Cruz Alta
Endereço para correspondência: Rua: Rodovia Municipal Jacob Della Mea n°: s/n km 5,6
Bairro: Parada Benito
Cidade: Cruz Alta Estado: Rio Grande do Sul
CEP: 98005-972

Data de Submissão:

04/04/2019

Data de aceite:

29/07/2019

Conflito de Interesse: Não há conflito de interesse



RESUMO

O objetivo desse estudo foi avaliar a prática do uso e do descarte de medicamentos entre produtores da rede leiteira da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. O estudo foi conduzido mediante a aplicação de um questionário e a amostra foi constituída por 46 participantes. Os resultados demonstram que a maioria dos participantes apresenta medicamentos em suas residências (98%). Destes, 66% afirmam usar medicamentos por conta própria, 22% reutiliza medicamentos de tratamentos anteriores, 65% realiza o descarte em lixo comum e 9% descarta em vaso sanitário. Em relação à “farmácia caseira” o medicamento mais armazenado foi o paracetamol (78%). A maioria dos participantes (74%) relataram não ter recebido nenhuma informação a respeito do assunto. Neste sentido, observa-se que a maioria da população descarta os medicamentos de forma inadequada e a falta de orientações é o principal fator que leva a esta prática.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação; Riscos Ambientais; Educação em Saúde; Uso racional de medicamentos; Doenças dos Trabalhadores Agrícolas.

ABSTRACT

This study aims to evaluate the practice of use and disposal of drugs among farmers of a dairy network in the northwest region of the State of Rio Grande do Sul. The study was conducted through the application of a questionnaire in a sample consisted of 46 participants. The results show that most of the participants have pharmaceutical drugs in their homes (98%), 66% say they use pharmaceutical drugs on their own, 22% reuse pharmaceutical drugs from previous treatments, 65% discard the drugs in common waste; and 9% discard them in toilet. Regarding to the “homemade pharmacy” the most commonly found drug was paracetamol (78%). Most of the participants (74%) reported not having received any information on the subject. In this sense, it is observed that the majority of the population disposes of pharmaceutical drugs inappropriately and that the lack of information is the main factor that leads to this practice.

KEYWORDS: Self Medication; Environmental Hazards; Health Education Wokers; Agricultural Workers Diseases

INTRODUÇÃO

Os medicamentos apresentam importância fundamental para a sociedade, uma vez que são destinados a combater enfermidades, diagnosticar, prevenir ou aliviar os sintomas de muitas doenças, inclusive com o propósito de prolongar a longevidade e melhorar a qualidade de vida da população¹. Contudo, a facilidade de obtenção e a propaganda realizada pela mídia, muitas vezes, faz com que o uso excessivo ou inadequado de medicamentos torne-se um problema de saúde pública. Além disso, o acúmulo de medicamentos nas residências, devido a interrupções nos tratamentos, reações adversas, uso incorreto, entre outros fatores, fazem com que aumente os resíduos gerados e descartados de forma incorreta no meio ambiente^{2,3}.

O Brasil encontra-se na posição de um dos maiores consumidores de medicamentos do mundo, possivelmente devido às suas políticas governamentais que contribuem para uma maior aquisição de tais produtos, o que traz como consequência o crescente aumento de sobras de medicamentos e embalagens que serão descartadas no lixo comum nos próximos anos⁴.

O acúmulo de medicamentos domiciliares pode consistir em riscos químicos à saúde humana e ao meio ambiente uma vez que podem ser reutilizados quando há recidivas de alguma enfermidade sem a devida orientação médica, armazenamento de produtos fora do prazo de validade e descarte inadequado de medicamentos e embalagens vazias³. A RDC 306/2004 da ANVISA estabelece que os resíduos gerados em estabelecimentos de saúde são de responsabilidade do gerador e o manejo e descarte adequado deve ser realizado pelo mesmo⁵. Contudo, um problema preocupante é que a legislação não engloba o descarte de resíduos de medicamentos residenciais, que constitui a conhecida “farmácia caseira”. Dados já mencionados na literatura revelam que, quando são realizadas pesquisas na área, os medicamentos são descartados principalmente em lixos comuns ou desprezados em vasos sanitários. Essa prática tende a provocar efeitos deletérios ao meio ambiente e de ordem de saúde pública, uma vez que pode contaminar o solo e as águas e também provocar efeitos indesejáveis ou tóxicos em pessoas que reutilizam ou reciclam o lixo, bem como em crianças ou animais que buscam alimentação⁶.

Devido à importância de conhecer a disponibilidade de medicamentos em ambiente doméstico e suas formas de descarte (quando estão vencidos ou fora de uso) foi proposto um estudo para avaliar as formas de descarte de medicamentos no âmbito rural, realizado com produtores rurais do ramo leiteiro. O estudo também buscou promover uma melhor compreensão dessa prática e possibilitar uma reflexão crítica e construtiva para nortear essa população sobre os riscos do uso indevido dos medicamentos e organizar os procedimentos de descarte dos mesmos.

MÉTODOS

O presente trabalho caracterizou-se como sendo exploratório e descritivo, que permitiu atingir o objetivo do estudo e descrever as características da amostra, que foi avaliada de forma quantitativa. Foram incluídos no estudo produtores e extensionistas rurais da atividade leiteira de municípios localizados no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, participantes do projeto institucional “Atenção à saúde postural em trabalhadores rurais da atividade leiteira” da Universidade de Cruz Alta. A população do projeto foi de aproximadamente 40 produtores de leite e seis extensionistas, totalizando 46 indivíduos, provenientes de 12 municípios: Ibirubá, Selbach, Colorado, Quinze de Novembro, Saldanha Marinho, Tapera, Júlio de Castilhos, Jóia, Bozano, Augusto Pestana, Condor e Tupanciretã.

A coleta de dados foi realizada mediante a aplicação de um questionário, contendo 18 perguntas abertas e fechadas, sendo que cinco foram questões abertas (discursivas) e 13 fechadas (objetivas), sobre o uso racional e formas de descartes dos medicamentos vencidos ou fora de uso. Este trabalho foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Cruz Alta, sob o parecer consubstanciado número 2.510.784. Foram entrevistados somente os participantes que, de forma voluntária, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os pesquisadores assinaram o Termo de Confidencialidade, de forma a manter sigilo sobre as informações coletadas durante as entrevistas.

Para representação das variáveis categóricas foi utilizada frequência relativa e absoluta e para as variáveis quantitativas, média e desvio padrão (\pm). A devolutiva das informações coletadas aos participantes da pesquisa foi realizada na forma de um encontro com todos os participantes juntamente com orientações sobre os riscos da automedicação e descarte incorreto dos medicamentos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A faixa etária média dos participantes foi de $46 \pm 12,3$ anos de idade, sendo 31(67%) do gênero feminino e 15 (33%) do gênero masculino. Em relação à escolaridade, 45% dos participantes afirmou possuir Ensino Fundamental incompleto, que foi a escolaridade predominante, 32% possuem Ensino Médio e 22%, Ensino Superior completo.

Questionados sobre o diagnóstico de doenças crônicas na família, 41,3% dos participantes informaram que apresentam e 58,7%, relataram não possuir familiares nessas condições. Em relação às doenças apontadas, foram relatadas: hipertensão arterial (28,3%), Diabetes Melitus (2,2%), depressão (6,5%) e hipotireoidismo (4,3%). Silva, Souza, Paiva¹⁹, em seu estudo sobre uso racional de medicamentos e estoque domiciliar, também evidenciaram a presença de doenças crônicas entre os participantes, destacando também a hipertensão, Diabetes Melitus, depressão e desordens da tireoide.

Entre os medicamentos de uso contínuo utilizados pela família foi informado: enalapril (10,9%), fluoxetina (2,2%), atenolol (2,2%), levotiroxina (2,2%), hidroclorotiazida (8,7%), losartana (10,9%), desvenlafaxina (2,2%) e captopril (2,2%). Todos os participantes afirmaram possuir a chamada “farmácia caseira” e 80,4% dos participantes, relataram que os medicamentos de uso contínuo se encontram segregados da “farmácia caseira”. Contudo, 15,2% participantes informaram que os medicamentos citados acima (para doenças crônicas), encontram-se misturados à mesma.

O uso extensivo de medicamentos pela população brasileira é uma realidade e isso deve-se a vários fatores, como crescimento da indústria farmacêutica, a variedade de medicamentos disponibilizados e a facilidade de obtenção sem receita médica. Esses fatores fazem com que os medicamentos sejam comercializados e consumidos como se não oferecessem riscos, estimulando um estoque caseiro^{7,8,9}, como evidenciado nesse estudo.

Além dos medicamentos destinados ao uso crônico, foi questionado aos participantes se possuem outros medicamentos nos domicílios e 95,7 %, responderam que sim e 4,3 %, responderam que não. Iob, Camillo e Petry⁹, em pesquisa realizada no território de abrangência da USPM, em Porto Alegre (RS), evidenciaram que 97% dos participantes possuíam medicamentos em casa. Entre os medicamentos listados pelos participantes, estão incluídos: paracetamol (78,2%), ibuprofeno (32,6%), dipirona (10,9%) e nimesulida (6,5%). Nossos resultados corroboram com o estudo de Ferreira, Rodrigues e Santos¹, que também encontraram a classe terapêutica dos analgésicos, com destaque ao paracetamol.

Os resultados referentes ao armazenamento dos medicamentos nas residências estão sumarizados no Quadro 1.

Quadro 1. Porcentagem de armazenamento dos medicamentos nos domicílios “farmácia caseira”.

Perguntas	Porcentagem (%) das respostas	
	SIM	NÃO
Há presença de bula com o respectivo medicamento?	91,3	8,7
Os medicamentos estão ao alcance das crianças (caso façam parte do convívio na residência)	6,5	93,5
Observa o aspecto/aparência do medicamento antes de utilizá-lo	84,8	15,2
Possui insumos necessários à prestação de primeiros socorros na farmácia caseira, tais como algodão, gaze, termômetro, esparadrapo e antissépticos?	82,6	17,4
Estes insumos estão junto com os medicamentos da farmácia caseira?	41,3	58,7
Possui medicamentos vencidos?	13,0	87,0
Já recebeu alguma informação quanto ao armazenamento e descarte de medicamentos em seu domicílio?	26,0	74,0

Fonte: Elaborado pelos autores

Alguns dos problemas encontrados em relação a “farmácia caseira” é a forma de armazenamento dos medicamentos. A presença da bula, a aparência dos medicamentos, falta de informações nos blisters e o risco de

intoxicação acidental por crianças consistem em riscos para a saúde. Schwingel et al.¹⁰, verificaram em seu estudo, que 79,3% dos medicamentos não estavam em sua embalagem original e 84,5% estavam estocados sem a presença da bula. Além disso, 15,7% dos participantes estavam usando medicamentos com prazo de validade expirado. Em nosso estudo (Quadro 1), de uma forma geral, os participantes tomam precauções em relação ao armazenamento dos medicamentos, uma vez que a maioria guarda a bula, não deixa ao alcance das crianças, observa o aspecto antes do uso e segrega os medicamentos dos demais itens de primeiros socorros. Contudo, uma parcela da amostra não toma os cuidados adequados em relação ao seu armazenamento, o que pode ser considerado uso irracional dos mesmos. O conceito de Uso Racional de Medicamentos (URM) aplica-se a toda a sociedade (indústria, farmácias, prescritores e usuários) e deve ser prioridade dos sistemas de saúde mundial. O URM envolve o recebimento do medicamento adequado às necessidades do paciente, em dose e quantidade adequadas para o tratamento por um determinado período de tempo, evitando as sobras e o vencimento^{11,12}.

Sobre o local em que os medicamentos são armazenados, 59% afirmam guardar no quarto, 4% no banheiro e 37% na cozinha. Apesar da maioria dos entrevistados armazenarem no quarto, que é o local mais adequado para garantir a integridade das características dos medicamentos, uma grande parcela da amostra armazena na cozinha, o que pode prejudicar a estabilidade dos mesmos. Resultados semelhantes foram encontrados no trabalho de Ribeiro e Heineck¹³. Lenhardt et al.¹⁴ relataram em sua pesquisa que 49,4% dos participantes estocam os medicamentos no quarto e 40,5% na cozinha. A cozinha é um cômodo muito utilizado para estocar os medicamentos, pois é o local que tem disponibilidade de água, o que facilita a administração e reduz o esquecimento. Contudo, por ser um local de fácil acesso, pode aumentar o risco de acidentes com crianças. Além disso, a estabilidade da formulação pode ser comprometida por fatores ambientais como presença de luz, umidade e temperatura elevada, comum neste local da residência^{10,15,16}.

Questionados sobre quem indicou os medicamentos utilizados, os resultados obtidos foram os seguintes: médico (95,6%), farmacêutico e balconista da farmácia (2,2%, cada). Esses resultados estão de acordo com o que foi informado pelos participantes, uma vez que 41,3% informaram possuir situações de doenças crônicas na família, o que exige tratamento contínuo e acompanhamento médico.

Sobre os locais em que os medicamentos foram adquiridos, 70% afirmaram ser na farmácia e 30% na Unidade de Saúde. Ribeiro e Heineck¹³ descrevem que em relação à aquisição, 42% dos medicamentos foram comprados em farmácias sem receita médica, enquanto apenas 1% foi dispensado dessa forma nas Unidades de Saúde do Sistema Único de Saúde (SUS). Já no trabalho de Schwingel et al.¹⁰ foi relatado que 62% dos participantes adquiriram seus medicamentos em farmácias da Unidade Básica de Saúde (UBS) e 34,3% em drogarias. Essas diferenças nos resultados provavelmente estão relacionadas com a disponibilidade de medicamentos nas farmácias das Unidades de Saúde do SUS, pois muitos não são encontrados e devem ser comprados em drogarias. Embora o acesso aos medicamentos

disponibilizados pelo SUS tenha aumentado, ainda apresenta problemas. Um estudo demonstra que menos da metade dos usuários do sistema obteve seus medicamentos através do mesmo¹⁷. Os dados referentes à automedicação encontram-se no Quadro 2.

Quadro 2. Porcentagem de indivíduos que realizam automedicação.

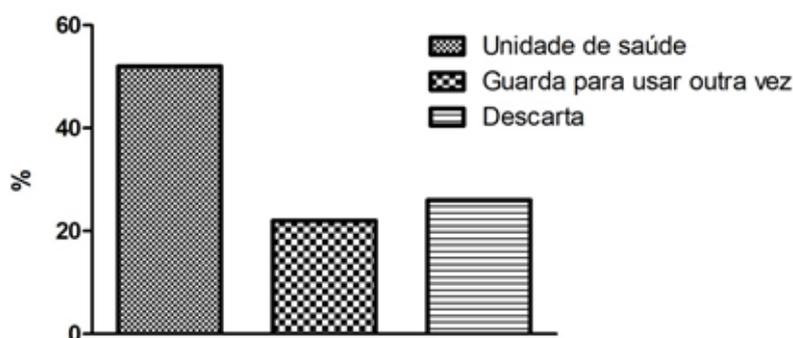
Perguntas	Porcentagem (%) das respostas	
	SIM	NÃO
Quando você ou alguém de sua casa fica doente, vocês praticam a automedicação?	34,8	65,8
Existe alguma doença em que você utiliza medicamento por conta própria?	2,2	97,8

Fonte: Elaborado pelos autores

O quadro 2 demonstra que a maioria dos entrevistados não pratica a automedicação. Contudo, 34,8% relataram utilizar medicamentos sem prescrição médica. A automedicação é uma prática muito difundida no Brasil e muitos casos de intoxicação registrados são devido a essa realidade. Esse ato não envolve apenas o uso de medicamentos comprados sem prescrição médica, mas também o uso por indicação de amigos ou vizinhos, através de propagandas ou reutilização de receitas.

Os dados relativos às sobras de medicamentos e sobre a forma de descarte dos mesmos (vencidos ou fora de uso) estão representados nas Figuras 1 e 2, respectivamente.

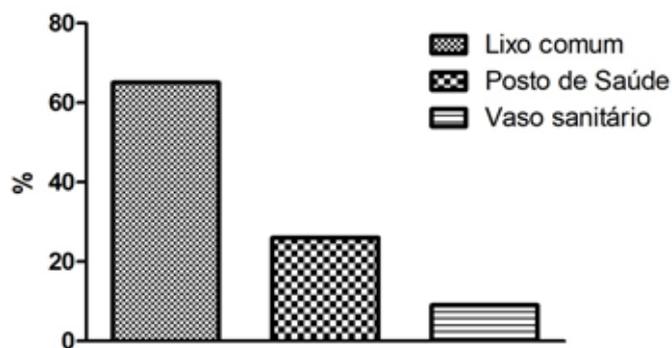
Figura1. O que faz com as sobras de medicamentos?



Fonte: Elaborado pelos autores

Em nosso estudo, foi observado que a maioria dos voluntários devolvem os medicamentos à Unidade de Saúde (52%), que realiza o recebimento dos mesmos. Alguns guardam os medicamentos que sobraram de outros tratamentos para serem reutilizados (22%) e uma parcela da amostra descarta os medicamentos (26%). No estudo realizado por Iob, Camillo e Petry⁹ foi evidenciado que 40% dos entrevistados guardam os medicamentos que não serão mais utilizados para serem usados futuramente. Gasparini, Gasparini e Frigieri³ relatam que 7% dos entrevistados em sua pesquisa utilizam novamente as sobras de medicamentos.

Figura 2. Como é realizado o descarte dos medicamentos?



Fonte: Elaborado pelos autores

A Figura 2 demonstra uma prática muito comum entre os brasileiros, isto é, a maioria descarta os medicamentos no lixo comum (65%) e no vaso sanitário (9%). Isso representa um total de 74% de participantes que praticam o descarte inadequado dos medicamentos vencidos ou fora de uso. Como no Brasil não existe regulamentação em relação ao descarte de medicamentos por parte da população, muitos realizam de acordo com a sua consciência. Os danos provocados pelos fármacos no meio ambiente ainda não são totalmente esclarecidos. Todavia, existe uma preocupação sobre a contaminação do solo e da água, o que pode trazer prejuízos à saúde humana, animal, vegetal e de outros organismos aquáticos^{18,19,20}.

Segundo Gasparini, Gasparini e Frigieri³ o descarte inadequado de medicamentos é realizado pelas pessoas devido a falta de informação sobre o assunto, por desconhecimento dos riscos ambientais e para a saúde e por falta de postos de coleta que recebam os resíduos. Quando questionados se já haviam recebido alguma informação quanto ao armazenamento e descarte de medicamentos domiciliares, 26% dos participantes responderam que sim, mas 74% informaram que não. Esse dado demonstra a importância da realização de ações educativas em saúde, para que a população receba as informações corretas sobre cuidados com medicamentos estocados em casa.

Com base nesses resultados, foi realizada a devolutiva dos resultados e informações sobre o uso racional de medicamentos e descarte correto dos mesmos através de um encontro na Universidade de Cruz Alta, para socialização e retirada de dúvidas referentes ao assunto. Ferreira, Rodrigues e Santos¹ ressalta que a falta de informação da população em relação as formas de descarte adequados acarretam em riscos ambientais e à saúde humana. Nesse sentido, houve orientações sobre os cuidados com os medicamentos armazenados nos domicílios, orientações para que os mesmos não fossem estocados na cozinha e banheiro e sobre a importância de manter longe do contato das crianças. O destaque foi dado aos medicamentos vencidos ou fora de uso (como sobras de tratamentos ou por outro motivo), que devem ser segregados e levados até a Unidade de Saúde para que seja dada a destinação correta. Foi discutido ainda que medidas simples podem ser bastante eficazes em relação à proteção à saúde humana, dos animais e ao meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desse estudo indicam que a maioria dos participantes realiza a prática da automedicação e o descarte incorreto de medicamentos. Essas ações constituem riscos ao meio ambiente e à saúde da população. A falta de informação associada à carência de postos de coletas de medicamentos em desuso são os principais fatores agravantes. Neste sentido, a ampliação de ações de educação em saúde é necessária para que a população seja orientada sobre as medidas corretas a serem adotadas.

REFERÊNCIAS

1. Ferreira CL, Rodrigues SC, Santos MAS. Análise do conhecimento da população sobre o descarte de medicamentos em Belo horizonte – Minas Gerais. *Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente*. 2015; 3: 9 – 18.
2. Vaz KV, Freitas MM, Cirqueira JZ. Investigação sobre a forma de descarte de medicamentos vencidos. *Cenarium Farmacêutico*. 2011; 4: 1-27.
3. Gasparini JC, Gasparini AR, Frigieri MC. Estudo do descarte de medicamentos e consciência ambiental no município de Catanduva-SP. *Ciência & Tecnologia*. 2011; 2: 38-51.
4. Alvarenga LSV, Nicoletti MA. Descarte doméstico de medicamentos e algumas considerações sobre o impacto ambiental decorrente. *Rev. Saúde*. 2010; 4: 34-39.
5. Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). RDC nº. 306, de 7 de dezembro de 2004. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para o gerenciamento de resíduos de serviços de saúde. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2004.
6. Piveta LN, Silva LB, Guidoni CM, Giroto E. Armazenamento e descarte de medicamentos por acadêmicos da área da saúde de uma universidade pública paranaense. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*. 2015; 36: 55-66, 2015.
7. Zamoner M. Modelo para avaliação de planos de gerenciamento de resíduos de serviços de saúde (PGRSS) para Secretarias Municipais da Saúde e/ou do Meio Ambiente. *Ciênc. Saúde Colet*. 2008; 13:1945-1952.

-
8. Margonato FB, Thomson Z, Paoliello MMB. Determinantes nas intoxicações medicamentosas agudas na zona urbana de um município do Sul do Brasil. *Cad. Saúde Pública*. 2008; 24:333-341.
 9. Iob GA, Camillo EGS, Petry RD. Análise da forma de descarte de medicamentos por usuários de uma Unidade de Saúde no município de Porto Alegre/RS. *Infarma*. 2013; 25: 118 – 125.
 10. Schwingel D, Souza J, Simonetti E, Rigo MPM, Ely LS, Castro LC, Fernandes LC, Kauffmann C. Farmácia caseira X uso racional de medicamentos. *Caderno Pedagógico*. 2015; 12: 117-130.
 11. Aquino DS. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? *Ciênc. Saúde Colet*. 2008; 13:733-736.
 12. Alencar TOS. Promoção do uso racional de medicamentos: uma experiência na Estratégia Saúde da Família. *Rev. Bras. Promoç. Saúde*. 2014; 27: 575-582.
 13. Ribeiro MA, Heineck I. Estoque Domiciliar de Medicamentos na Comunidade Ibiaense Acompanhada pelo Programa Saúde da Família, em Ibiá-MG, Brasil. *Saúde Soc*. 2010; 19: 653-663.
 14. Lenhardt EH, Sólis LJB, Cintra EVCS, Botelho EHL. O Descarte de Medicamentos no Bairro Grande Terceiro, Cuiabá-MT. *Saúde Soc*. 2010; 19: 653-663.
 15. Schenkel EP, Fernandes LC, Mengue SS. Como são armazenados os medicamentos nos domicílios?. *Acta Farm. Bonaer*. 2005; 24: 266-270.
 16. Tourinho FSV, Bucarechi F, Stephan C, Cordeiro R. Farmácias domiciliares e sua relação com a automedicação em crianças e adolescentes. *J. Pediatr*. 2008; 84: 416-422.
 17. Boing AC, Bertoldi AD, Boing AF, Bastos JL, Peres KG. Acesso a medicamentos no setor público: análise de usuários do Sistema Único de Saúde no Brasil. *Cad. Saúde Pública*. 2013; 29(4): 691-701.
 18. Glassmeyer ST, Hinchey EK, Boehme SE, Daughton CG, Ruhoy IS, Conerly O, Daniels RL, Lauer L,

McCarthy M, Nettesheim TG, Sykes K, Thompson VG. Disposal practices for unwanted residential medications in the United States. *Environ Int.* 2009; 35: 566-572.

19. Silva JR, Souza M, Paiva AS. Avaliação do uso de medicamentos e estoque domiciliar. *Ensaio e Ciência: C. Biológicas, Agrárias e da Saúde.* 2012; 16: 109 - 124.

20. Ribeiro AR, Afonso C, Castro PML, Tititan ME. Fármacos quirais em diferentes matrizes ambientais: ocorrência, remoção e toxicidade. *Quim. Nova,* 2016; 39: 598-607.